



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ

CÓDIGO DE ÉTICA
DO JORNALISTA BRASILEIRO

*Art. 17 - O jornalista deve preservar
a língua e a cultura nacionais.*

eles foram-se afastando, cedendo espaço para os que fazem a imprensa, não por diletantismo, mas como profissão.

Cineas: *Em sua opinião, não houve uma queda na qualidade da imprensa produzida no Piauí?*

Olha, a qualidade até cresceu muito nos fins dos anos 60, começo da década de 70. Depois decresceu vertiginosamente por causa daquela desgraça de que já falei anteriormente que é a auto-censura. Nós temos aqui em Teresina profissionais altamente qualificados, gente muito competente, mas como produzir uma matéria boa se o dono do jornal não quer que ele faça? O jornal *Folha da Manhã*, como eu já disse, era um jornal de muito prestígio, um jornal que não dependia de subvenção do governo, não. A *Folha* formava a opinião pública. As pessoas, diante de uma situação tal, diziam: "Vamos esperar pra ver o que a

Folha da Manhã vai dizer. O que a *Folha* dizia tinha credibilidade. E a gente ganhava bem, Cineas. Todos os dias, na hora da merenda, tínhamos, todos nós, inclusive os operários, uma quantia destinada pela direção do jornal para lanchar. Uns merendavam, outros compravam cigarros, outros bebiam cachaça, mas esse dinheiro não era descontado em nosso salário, não. Hoje, tem neguinho ganhando muito bem, mas só pode dizer "amém, amém"; isso não é jornalismo. Os caras são burros, pensam que são inteligentes, mas são burros. Eles poderiam sobreviver muito bem sem atrelamento ao governo. Se um determinado anunciante quer veicular sua propaganda, que jornal ele vai procurar? O que tem credibilidade e grande circulação. Logo...

Cineas: *Você insiste em falar em "auto-censura", mas até onde sei o problema é de censura mesmo. Quer dizer, o*

jornal é uma estrutura castradora, censora e tudo mais. Como pode um profissional, por mais competente que seja, atuar com independência dentro de um jornal comprometido?

Realmente, não pode. Quando o jornalista vai escrever uma matéria a primeira pergunta que ele se faz é "Será que essa matéria vai machucar alguém?" "Será que vai machucar prefeito? O secretário da agricultura?" Aí ele não escreve.

Cineas: *Você falou ainda agora que o cara que procede assim é "burro", mas como ele poderia deixar de ser "burro" numa engrenagem dessa?*

Bem, realmente ele não é burro. É condicionado: ele sabe que se escreve determinada matéria, perde o emprego. Então, os caras que estão nascendo para o jornalismo já estão nascendo condicionados. Isso está tornando a situação verdadeiramente irreversível.

Geraldo Borges: *Eu gostaria de fazer uma colocação mais em nível sociológico. Quer dizer, a gente que está na província sonha sempre em ir para a corte, a capital. Você saiu daqui em 1966 e foi para Brasília. Você pretendia ficar por lá?*

Sim.

Geraldo Borges: *E por que voltou?*

Como eu já disse, anteriormente, de Brasília eu fui para Aragarças onde me ofereceram uma série de vantagens. Eu gastei muito dinheiro, mas gastei tudo. Então quando o negócio lá deu para trás, voltei a Brasília, onde tinha emprego garantido na

Arnaldo Albuquerque



José Vieira Chaves

detestável, de mais execrável, na imprensa. É uma merda!

Paulo Machado: Mas sempre que um grupo está no poder, o outro procura um veículo de comunicação para fazer-lhe oposição.

Houve tentativas, apenas tentativas. Me lembro de uma tentativa do Ciro Nogueira e do Manuel Nogueira com o *Correio do Povo*, mas não passou de uma aventura do MDB, não tinha caráter empresarial.

Paulo Machado: E a experiência da Elvira Raulino com o Diário do Piauí?

A Elvira, com o Genésio, montou o *Diário do Piauí*. O Pires de Sabóia era o editor, e eu, o secretário. Mas não havia nenhum grupo político ou empresarial por trás disso não. Foi uma aventura que não deu certo.

Cineas: Alberoni, os jornais de Teresina tornaram-se modernas empresas de comunicação, com equipamentos modernos, sofisticados etc. Mas e os profissionais? Os que fazem a imprensa piauiense são tratados como profissionais? Assumem uma postura profissional ou continuam meio-jornalistas, meio-funcionários públicos?

É uma mistura de tudo isso e muito mais. Há pouco tempo, o Sindicato dos Jornalistas conseguiu junto aos patrões a aprovação de um piso salarial, algo em torno de cento e poucos cruzados, se não me engano. Isso é uma merda. Mas como eu já disse anteriormente, o senhor Alberto Silva criou mil e seiscientos e tantos empregos na área oficial para agasalhar os profis-

sionais de imprensa. A coisa é simples: o cara chega a uma empresa jornalística qualquer e é contratado ganhando o salário-mínimo. Então, o jornalista fala: "Mas é muito pouco!" E o patrão retruca: "Mas com esse emprego aqui você pode conseguir muitos outros no Estado." Isso é uma merda!

Cineas: Mas isso é uma verdadeira fábrica de picaretas, não?

Você está sendo muito generoso. É muito pior.

Ana Zeneida: Há quanto tempo isso funciona assim?

Desde a época do primeiro governo do Sr. Alberto Silva. É só fazer as contas. Esse vício foi sendo herdado pelos governantes que sucederam Alberto Silva e a coisa chegou onde chegou.

Geraldo Borges: Como é que você vê a questão do suplemento literário nos jornais?

Geraldo, pelo amor de Deus! suplemento literário não

fatura, não! Para os donos de jornal esse negócio de literatura é coisa de um bando de idiotas, só serve pra ocupar espaço. Ninguém paga por isso não.

Geraldo Borges: Falo assim porque no tempo em que a imprensa era artesanal, as pessoas que faziam literatura nos jornais tinham importância, a coisa era diferente.

Cineas: Vamos tentar situar melhor a questão: na época em que seu pai, Alberoni, fazia imprensa, as pessoas que escreviam nos jornais - A. Tito Filho, Valdemar Sandes, Eulino Martins, Júlio Vieira - eram todos literatos. Bem ou mal, eram literatos. Pode-se até discordar do conteúdo do que escreviam, mas sabiam pelo menos onde colocar as vírgulas, os pronomes etc. O que se quer saber é quando essas pessoas foram "tangidas" da imprensa piauiense.

Bem, eles não foram "tangidos" da imprensa piauiense;

Arnaldo Albuquerque



Elvira Raulino



Torquato Neto

Paulo Machado: Na época da censura, os suplementos literários tornaram-se uma espécie de refúgio de alguns profissionais de imprensa que, impedidos de escrever sobre determinados temas na página de política, por exemplo, utilizavam os suplementos onde, subliminarmente, veiculavam informações que normalmente seriam censuradas. Você concorda com isso?

Olha, eu nunca acompanhei de perto a trajetória dos suplementos, mas é possível que isso tenha ocorrido, pois os verdadeiros profissionais da imprensa sempre procuram uma brecha para veicular as informações que o leitor espera de um jornal. Os jornais alternativos *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento* e outros tantos são uma prova disso.

Paulo Machado: No caso específico de Teresina o surgimento do suplemento O Estado Interessante tem alguma coisa a ver com esse fato?

Bem, na época, havia uma turma de meninos, meninos de cabeça grande: Paulo B. Sá, Durvalino, Edmar, eu e outros querendo fazer alguma coisa...

Paulo Machado: O Torquato Neto chegou a participar dessa experiência?

Não. Mas *O Estado Interessante* foi uma experiência válida, mas a situação do país era de tal forma complicada que o projeto não foi adiante por uma série de razões: em primeiro lugar, não havia uma estrutura financeira, digamos assim, para bancar o projeto. Em segundo lugar, era um grupo muito dis-

agência onde havia trabalhado. Queria voltar a Teresina, rever os amigos, essas coisas. Quando cheguei, meus pais falaram: "Não volta mais não. Fica aqui.", e fiquei.

Paulo Machado: Você teve participação na política estudantil teresinense. Há alguma relação entre esse fato e sua atividade como jornalista?

Olha, minha militância na política estudantil foi quase toda limitada à edição de jornais estudantis, então havia uma estreita ligação entre as duas coisas.

Geraldo Borges: Você trabalhou no jornal O Dominical?

Não.

Paulo Machado: Você esteve no Goiás no período de 67 a 68. Nessa época estava se desenrolando na região o movimento de guerrilha rural. Que informações você teve sobre o movimento naquela época?

Nenhuma. Eu estava na região Sudoeste do Goiás e o movimento de guerrilha era bem

mais ao Norte. Então lá onde eu estava ninguém sabia absolutamente nada sobre a questão. Vim saber disso muito tempo depois.

Paulo Machado: Naquela época, embora você estivesse ali como professor, você já era jornalista, certo? Ainda assim, você não teve acesso a informação alguma sobre a guerrilha rural?

Nada. Absolutamente, nada. Lá ninguém tinha informação nenhuma sobre a guerrilha que se desenrolava no interior do Estado. Olha, só no final de 70, 71, já aqui em Teresina, tomei conhecimento da guerrilha do Araguaia, através do jornalzinho *Voz Operária* que circulava clandestinamente, era uma publicação do PCB que circulava de forma irregular. Então, eu já falei pro Helder: "Helder, tá acontecendo alguma coisa por aí?" E ele: "Nada, Alberoni, tá tudo calmo." Naquela época a censura era braba.

ainda. Como é que você conseguiu conciliar o trabalho jornalístico com a escola?

Eu era estudante no Diocesano e, por acidente, caiu-me nas mãos um *Manual de Jornalismo* do Natalício Norberto. Era o bê-a-bá do jornalismo. Então eu tentei pôr em prática aquilo que estava no livro e creio que fui o primeiro jornalista do Piauí a se preocupar com isso. Quando eu me mudei para Brasília, pude constatar que aquelas noções elementares do livrinho do Natalício eram extremamente importantes. Era o alicerce. Em Brasília, trabalhando com pessoas mais capacitadas que eu, mais experientes, fui aprendendo o essencial.

Paulo Machado: Quais foram essas pessoas?

Eu vou citar o Alberto Nunes, que é hoje o editor da *Revista Nacional*, Ivaldo Medeiros, pernambucano, que era da Agência Nacional.

Cineas: Que jornal era esse onde vocês trabalhavam?

Não era um jornal; era uma agência de notícias. Foi lá que tive contato com grandes profissionais da imprensa e, lendo essa gente, pude aprender alguma coisa. Dentre esses profissionais, posso citar o baiano Sebastião Fernandes, que era repórter do JB e da Agência Universal de Notícias. Havia também o Wilson Queiróz, amazonense; havia o iniciante Fernando César Mesquita, que cobria a Câmara. Havia o Peres, que cobria os ministérios. Depois dessa experiência em Brasília, fui pra o Goiás-imaginem só! - fui ser professor

de português. Professor de português sem saber gramática, mas estudei e aprendi, aprendi mesmo. Tinha que aprender e aprendi. Hoje sou muito bom em gramática. O Cineas pode saber gramática, mas não sabe mais do que eu.

Cineas: Seguramente, sei muito menos.

Paulo Machado: Em que local de Goiás você foi professor?

Em Aragarças, lá perto da fronteira com Mato Grosso.

Cineas: Qual era, à época, sua formação escolar?

Eu tinha apenas o científico, feito aqui mesmo em Teresina, no colégio Diocesano.

Cineas: E o Jornal O Estado, quando ele aparece na imprensa teresinense?

Regressei a Teresina no dia 2 de janeiro de 1969, desempregado. Vim passar uns dias por

aqui e acabei indo para Campo Maior, onde moravam minha avó, meu tio ... Em Campo Maior, acabaram me entregando o jornalzinho *A Luta*, do Totó Ribeiro. Era um jornalzinho desse tamanho! Voltei a Teresina, desempregado, meu pai me dava um dinheirinho, foi aí que eu comecei a ajudá-lo. Ele era correspondente do *O Estado de São Paulo* e do *Jornal do Brasil*. E o velho me empurrando pra esse lado. O que ele queria mesmo era passar esse trabalho para mim. Nessa época, recebi convite para trabalhar na *Rádio Pioneira* e no jornal *O Dia*. Uma noite, na buate *Vaga-lume*, encontrei com o Venelouis Pedreira Xavier, que tinha vindo a Teresina implantar o jornal *O Estado*. Ele tinha informações a meu respeito. Me convidou para trabalhar no novo jornal. Ele era o dono, o Helder Feitosa, redator-chefe; eu, se-

Jota A.



Helder Feitosa

MORRE O JORNALISTA ALBERONI LEMOS FILHO

Antônio Costa



Reunião de fundação do Jornal da Manhã: Alberoni Lemos Filho, Luiz Bello, Mário Soares, Macarrão e Lindenberg Pirajá...

O jornalista Alberoni Borges Lemos Filho, 44 anos, morreu ontem às três horas da manhã vítima de câncer. Ele era correspondente de *O Estado de São Paulo* e havia trabalhado em quase todos os jornais de Teresina. O seu corpo foi velado na sua residência, situada na Av. José dos Santos e Silva, no centro, durante todo o dia de ontem, quando compareceram amigos, familiares e colegas de redação, que prestaram as suas últimas homenagens ao jornalista reconhecido como o melhor texto do Estado.

Alberoni Lemos, cujo pai foi um grande jornalista da década

de 50, nasceu predestinado para a profissão. Há vários meses ele estava com a doença, tendo inclusive viajado para São Paulo onde fez uma cirurgia na garganta. Recentemente esteve internado no Hospital São Marcos, de onde saiu para morrer em sua residência ao lado dos seus familiares. Sobre a vida de Alberoni, como profissional, vários de seus antigos colegas deram alguns depoimentos. Ele foi, juntamente com Carlos Said, Arimatéia Moreira, Antônio Costa, Mauro Jr. e o falecido Paulo de Tarso Moraes, o fundador do *Jornal da Manhã*, quando foi também o seu

primeiro editor. Veja o que os amigos falaram de Alberoni:

Albert Piauí - Era o melhor jornalista do melhor jornalismo do Piauí, e morre sem deixar um substituto. Era honesto e irreverente e, como eu, adorava um bar, bebidas e mulheres.

Mauro Jr. - Profissional competente e profundo conhecedor das coisas. A sua morte é uma grande perda para a imprensa, principalmente para os órgãos de comunicação do Piauí. Particularmente, sinto mais a sua morte, porque iniciamos juntos no *Jornal da Manhã*, na época da fundação do jornal".

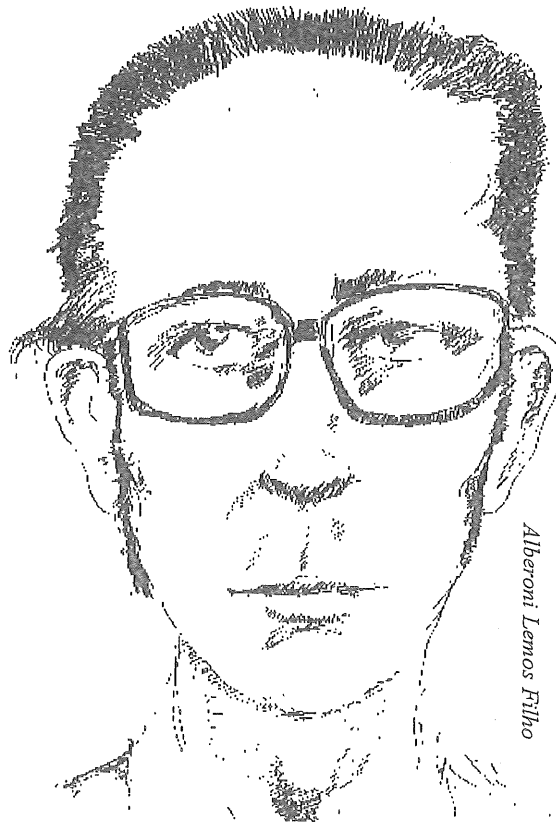
ESSE CARA NÃO ME É ESTRANHO

CINEAS SANTOS

Arnaldo Albuquerque

A primeira vez que ouvi falar de Alberoni Lemos Filho, aí por volta da década de 60, esse nome já soava como uma legenda. Descendente de uma família de jornalistas ilustres, Alberoni era tratado como uma espécie de “menino prodígio” da imprensa piauiense. Conheci-o na redação de *O Estado*, na década de 70, numa situação que me pareceu, no mínimo, constrangedora. O Alberoni havia marcado um encontro com uma cerveja gelada num barzinho que ficava bem próximo do Mercado Central e tinha pressa. O Helder Feitosa, dono do jornal, precisava de um texto de 60 linhas para fechar a “página nobre” e também tinha pressa. O repórter martelava o teclado com força, coçava a cabeça, contava e recontava as linhas. “Pronto, Helder, 50 linhas.” E o Helder, irredutível: “Eu disse 60, Alberoni, ses-sen-ta!”

Pareceu-me impossível que alguém, mesmo competente, pudesse produzir um texto pelo menos razoável em tais circunstâncias. Dia seguinte, paguei



pra ver. Lá estava a *Coluna por todos* na página três. Um texto limpo, correto, enxuto.

Voltei a encontrá-lo algum tempo depois, quando fundamos o jornal independente *Chapada do Corisco* (76/77). Enquanto o pessoal da imprensa graúda caía de pau em nosso jornaleco, o Alberoni, mesmo sabendo que não podíamos pagar-lhe, nos mandava textos que enriqueciam o “nanico” feito num fundo de quintal.

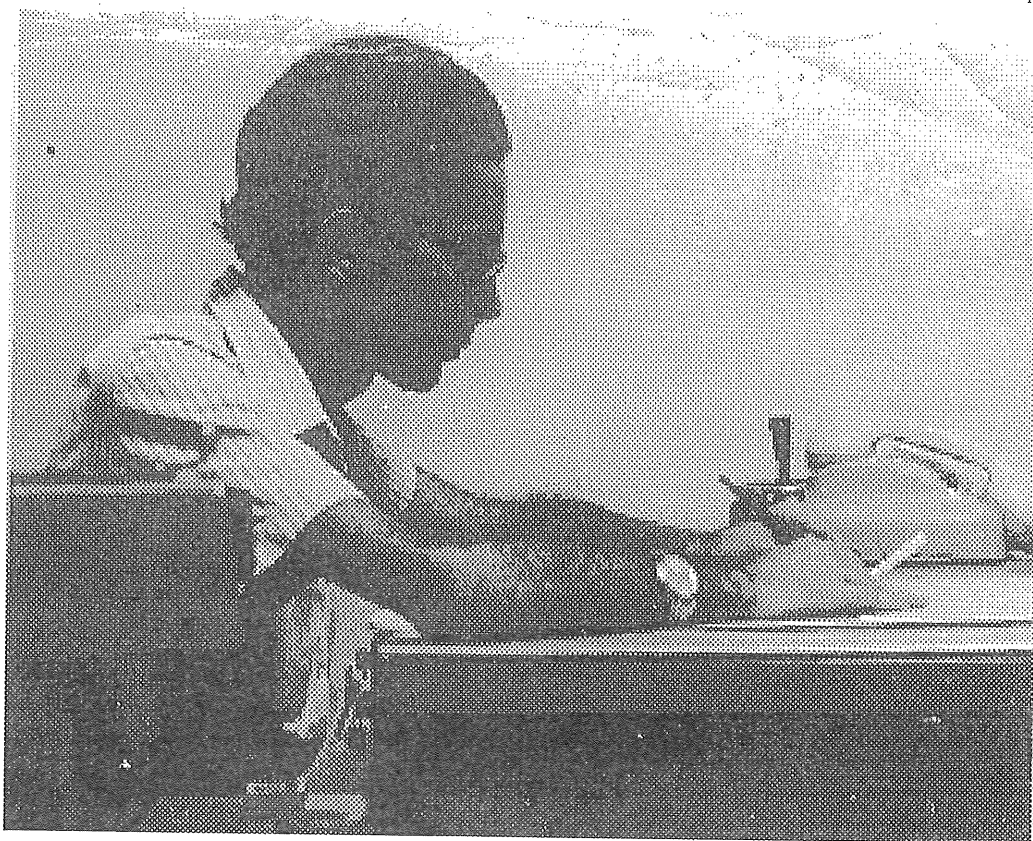
No início dos anos 80, tornamo-nos vizinhos ali na Simplício Mendes. Sem salamaques ou visitinhas cordiais,

Alberoni se fez “freguês” da minha biblioteca, devorando tudo que levasse a assinatura de Graciliano Ramos. Um detalhe importante: nunca deixou de devolver os livros no dia combinado.

Reencontrei-o agora num momento difícil: Alberoni, há algum tempo, vem lutando valentemente contra um hóspede indesejável e renitente que se alojou em sua vida: um câncer na face.

Esperava encontrá-lo triste, tenso, abatido. Nova surpresa: diante de um copo de cerveja, devidamente instalado em sua cadeira cativa no velho Clube dos Diários, Alberoni recebeu-me recitando o meu poema “Teresina”, que ele considera a “melhor tradução” de sua cidade.

Foi uma conversa franca, cordial, enriquecida com a participação de Paulo Machado, Ana Zeneida e Geraldo Borges. Saí do encontro convencido de que o Alberoni é um cara que não foge da *raia*, mesmo que o adversário seja a “indesejada das gentes”, de que falava Bandeira.



48

"Ajudei a fundar este jornal, sofri muito, com o Helder, para tirá-lo diariamente. Mais ainda sofreram anônimos operários, que faziam quase milagres para a circulação não se interromper. Sofreram autoridades que, para visitar nosso simulacro de redação, precisavam, não raro, contornar jumentos e cargas de farinha postados junto à porta do jornal, que funcionava junto ao Mercado Central".

.....

Isso faz 26 anos. O jornal *O Estado* foi inaugurado no dia 25 de março de 1970. Lutou, construiu um prédio próprio e cresceu. Cresceu tanto a ponto de incomodar e trazer para si perseguições e retaliações. Mas, os que apostaram no fechamento do jornal, estão vendo que a sua história é de combate e resistência, porque formada por profissionais como Alberoni Lemos Filho, que nunca se renderam diante das dificuldades apresentadas. É em memória de homens como ele, por exemplo, que *O Estado* continuará na luta, custe o que custar.

.....

O ESTADO

AV. CENTENÁRIO, 1200 - AEROPORTO - FONE (086) 225 2300 - FAX (086) 214 2566
CEP: 64.008-700 - TERESINA - PIAUÍ



A Rádio Pioneira tem como orgulho a equipe de profissionais que nela trabalha.

52 No momento em que se presta homenagens ao saudoso Alberoni Lemos Filho, temos a dizer que, com sabedoria e humildade, ele abrilhantou os nossos quadros, deixando exemplos que ainda hoje são seguidos dentro do nosso grupo por serem aulas do mais puro jornalismo.

A Direção

Rua 24 de Janeiro, 150 - Sul - Centro
Fones: (086) 222 8121 - 222 8274 - 222 1991 - Fax: (086) 222 8122
CEP: 64.001-230 - Teresina - Piauí

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

Em julho de 1968, em Porto Alegre, foi promovido o XII Congresso Nacional de Jornalistas. A representação do Sindicato dos Jornalistas esteve composta, entre outros, por José de Araújo Mesquita, Rodrigues Filho, Deoclécio Dantas, Alberoni Lemos, Paulo José e A. Tito Filho, cabendo a este último a presidência da Grande Comissão, de que faziam parte projetados nomes da imprensa nacional, como Danton Jobim, Gampagnolle e Edmundo Segismundo. Tema principal: o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. A escolha para relator coube ao professor A. Tito Filho. Eis o Código de Ética aprovado na época, em sua versão original.

Albert Piauhy

1) A missão do jornalista é comunicar à coletividade os fatos que podem, de qualquer maneira, interessá-la;

2) A verdade é o conteúdo fundamental da missão jornalística;

3) O jornalista é normalmente responsável por tudo quanto divulga;

4) O jornalista tem compromisso indeclinável com a comunidade;

5) O jornalista deve ser imparcial;

6) Deve lutar pela liberdade de pensamento, de expressão e pelo livre exercício da profissão;

7) Deve pugnar pela soberania nacional em seus aspectos políticos, econômicos e sociais;

8) A língua e a cultura nacionais devem ser preservadas pelo jornalista;

9) O jornalista deve valorizar, honrar e dignificar a profissão;

10) A oferta de trabalho, o preço vil, a deslealdade, a prevenção ideológica para com os companheiros, a covardia no exercício da sua união, a submissão a forças que distorçam a verdade, o uso do poder de divulgação para atender a interesses escusos e contrários aos da comunidade são atos condenáveis;

11) O jornalista deve resguardar, sempre que necessário, as suas fontes de informação;



A. Tito Filho: relator do Código de Ética do Jornalismo Brasileiro.

12) Frustrar a manifestação de opiniões divergentes, impedir o debate sereno e usar o insulto é entrar e corromper o exercício da profissão;

13) O jornalista deve evitar a divulgação de fatos com interesse sensacionalista e mórbido, que tripudiem sobre valores humanos;

14) Deve esforçar-se para aprimorar os seus conhecimentos técnico-profissionais, sua cultura e sua formação moral;

15) A fidelidade à empresa a que serve não deve prejudicar a observância a estes princípios.

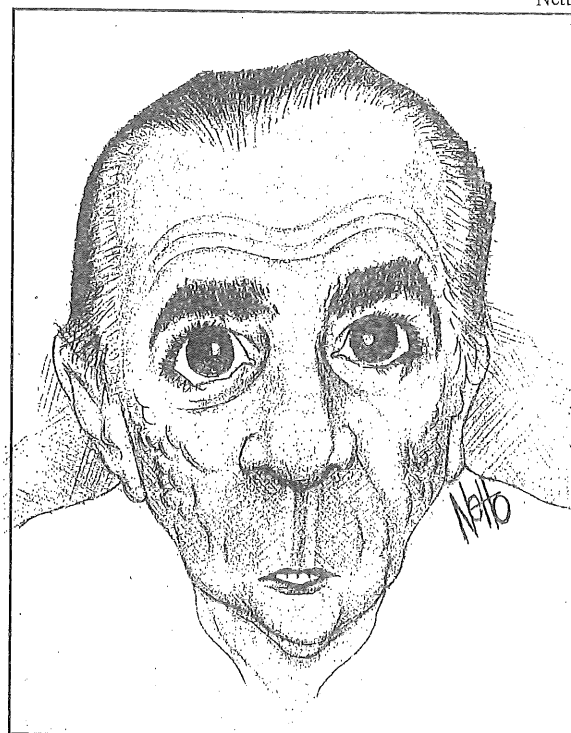
ALBERONI LEMOS FILHO



NOTÍCIAS DE JORNAIS

47

do Brasil. O comício aconteceu na noite de 31 de março de 64. Na manhã seguinte viajamos para Teresina, de ônibus, ouvindo um radinho de pilha. O João Goulart cai ou não cai? Essa era a pergunta. A gente queria que não caísse. Aí pelo dia 2 de abril, ou 3, 4, o Carlos Augusto Cavalcante Barros e mais um ou dois da UPES fomos ao Karnak. O Carlos Augusto era secretário geral da União Brasileira dos Estudantes Secundários, que funcionava no prédio da UNE, na praia do Flamengo, 132, no Rio. Exigimos do governador uma posição. Ele saiu com evasivas e eu disse: "Quando o presidente João Goulart andou aqui o senhor disse que ele podia contar com o Piauí. E agora?" Não posso dizer com certeza, mas parece que ele hesitou um pouco. Disse, mais ou menos em tom de desculpas, que nada podia fazer, não podia contar nem mesmo com a Polícia Militar. Era aquela história do levante. Ao lado, numa poltrona, vi o jornalista José Lopes dos Santos, com papel e caneta. Parecia escrever, mas não tenho certeza. Também não sei por que estava no gabinete do governador. O certo é que saímos de lá com uma declaração do governador: "Vamos aguardar o desenrolar dos acontecimentos". Bela posição. Naquele dia mesmo Petrônio Portella mandou uma nota para a *Folha da Manhã* apoiando o Presidente. A nota saiu, se não me engano, na primeira página. No dia seguinte, outra nota, mais contundente ainda. Os militares eram chamados de sediciosos. A se-



Deoclécio Dantas

gunda nota foi sustada antes da publicação, mas isso aí acompanhei um pouco de longe. Eu me afastara do jornal para dedicar-me mais à UPES, meu pai foi preso, enfim, nessas horas a gente se perde. Mas vocês perguntem pelo Esperidião Fernandes que foi o enviado de Miguel Arraes que morreu em Campo Maior naqueles dias e está enterrado por lá, numa fazenda não sei de quem. Quando viu que tudo estava perdido foi para Campo Maior, parece que orientado pelo próprio Petrônio, teve um enfarte morreu. A segunda frustração foi em Brasília, em 1966 ou 1967. Eu trabalhava na Universal de Notícias, uma agência que tinha clientes em Brasília mesmo, no Rio, em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Eram jornais e emissoras de rádio e TV. A Bandeirantes, que estava começando, era um dos clientes.

Houve uma crise política e tudo indicava que o Congresso ia ser fechado. Na agência, já à noite, o Coutinho, que era o dono, propôs que eu dormisse lá mesmo, numa espécie de plantão. Concordei mas pedi um vale para jantar e comprar cigarros. O pagamento lá vivia atrasado. Concordei, desci, comi alguma coisa e voltei. A agência era no 10º andar do edifício das Pioneiras Sociais e me dispus a dormir no sofá. Só que o rádio deu que a solução para o impasse só ia sair no dia seguinte. Fui dispensado do plantão e tratei de ir dormir. Na manhã seguinte, bem cedo, o Coutinho, Dirceu Maciel Coutinho, foi me buscar na pensão. Nem escovei os dentes, que nessa época eu tinha, entrei no carro e fomos para lá. Chegaram logo as matérias de nossos repórteres. Matérias maravilhosas, um documento real, feito por quem tinha visto tudo de perto, tudo

VAZIO NO JORNALISMO

CARLOS SAID

Vazio no jornalismo piauiense. Nacionalmente, lacuna lamentável. Falecido ainda moço, lembranças imorredouras ficarão de Alberoni Lemos Filho. Pertencente a uma família de jornalistas autênticos, começou menino a *catar tipos* na tipografia e impressora do avô, o velho *Semana*. Ali pelas imediações da Rua Barroso, perto do cruzamento com Coelho Rodrigues. Centro da Capital.

Oriundos do interior, mais precisamente Floriano, a família Lemos dedicou-se a fazer jornalismo. No tempo em que Teresina engatinhava com a modernidade. Antes do centenário da cidade fundada pelo Conselheiro Saraiva. O patriarca, o velho *Semana* ensinava paciente e diligentemente a arte de fazer imprensa. Os filhos assimilaram a lição do chefe do inteligente clã. O descendente *Semana* e o ilustre Alberoni Lemos, após o falecimento do pai encheram-se de otimismo e passaram a fazer jornalismo sério e competente. Alberoni Lemos foi quem mais se destacou. A ponto de figurar como imprescindível nos principais jornais de Teresina. Dentre eles, *O Pirralho* e *A Luta*. Evidentemente e sem faltarmos com justiça, Alberoni Lemos Filho seguiu o pai para transformar-se em um dos mais notáveis do jornalismo piauiense. Após a morte do genitor, a lavra de Alberoni Lemos Filho tornou-se fantástica. A ponto de ser conhecido nacionalmente através dos trabalhos editados pelo poderoso grupo Mesquita que detém a propriedade do acreditado jornal *O Estado Jornal de São Paulo*, o popular *Estadão*.

Aliás e a bem da verdade, devemos dizer que fomos companheiros do Alberoni Lemos Filho. Magrinho e rivalizando conosco no físico, sempre foi impetuoso, sincero e justo. Impecável no trabalho. Escrevia com tanta facilidade que invejávamos os textos brilhantes do incrível jor-

Arquivo Maria José Lemos



A trindade: Alberoni Lemos, Alberoni Neto e Alberoni Filho.

nalista. Tanto se tem dito dos bons jornalistas piauienses que – vez por outra – esquecemos o ecletismo de muitos talentosos articulistas conterrâneos. Alberoni Lemos Filho também acreditou-se como titular do rádio-jornalismo piauiense. Fazendo a boa informação e prestando relevantes serviços à radiofonia nacional. Seu nome era conhecido além fronteiras do Piauí.

Razão de lembrarmos a perestroika de Mikhail Gorbachev, pois Alberoni Filho, foi, em vida, o centro intelectual de nossa sociedade. Basta citarmos os exemplos dos jornais *O Estado* e *Jornal da Manhã*. Desde os primeiros momentos, após a fundação de ambos os estabelecimentos de cultura popular (quem faz jornal e é jornalista pertence ao povo que é o espelho fiel

Ednaldo Vieira (Macarrão) - Conheci o Alberoni no jornal *O Dia*, era pelo ano de 71 ou 72, quando trabalhamos muito tempo juntos. Em 80, ele saiu para fundar o *JM* e me convidou. Era, reconhecidamente, um bom profissional. Acho que não aparecerá outro igual.

Arimatéia Azevedo (Secretário Municipal de Comunicação e Avaliação) - Só tenho a lamentar.

A imprensa do Piauí perde não o mais puro, mas o mais importante e honesto jornalista das últimas duas décadas. O Alberoni sempre foi como um espelho para os jornalistas iniciantes.

Heráclito Fortes - O prefeito Heráclito Fortes, em telegrama enviado ontem à família de Alberoni Lemos, afirmou que ele prestou relevantes serviços a esta cidade, com sua privilegiada inte-

ligência e conduta profissional. Com a sua morte, a imprensa do Piauí perde uma de suas mais brilhantes expressões.

Antônio Costa - Comecei a trabalhar com o Alberoni no jornal *O Estado*. Ele praticamente redigia o jornal todo porque o Helder não tinha uma grande equipe. Como pessoa era ótimo e como profissional melhor ainda.

JORNAL DA MANHÃ 26/07/90



Deputado Paulo Eudes ouvindo com atenção os ensinamentos do professor Wall Ferraz.

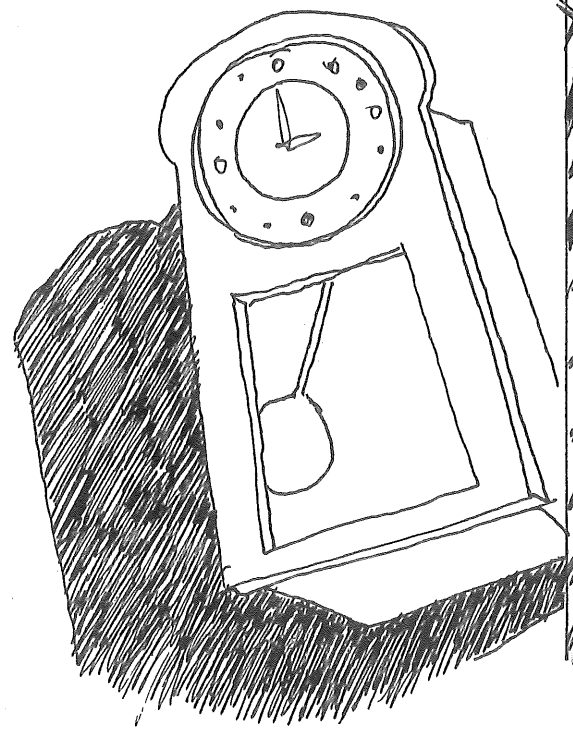
LIÇÕES DE UM MESTRE

Aprendi a conhecer e admirar o Alberoni Lemos Filho através do reconhecimento que dele fazia o professor Wall Ferraz, outro que era impetuoso, sincero e justo.

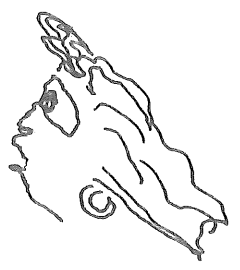
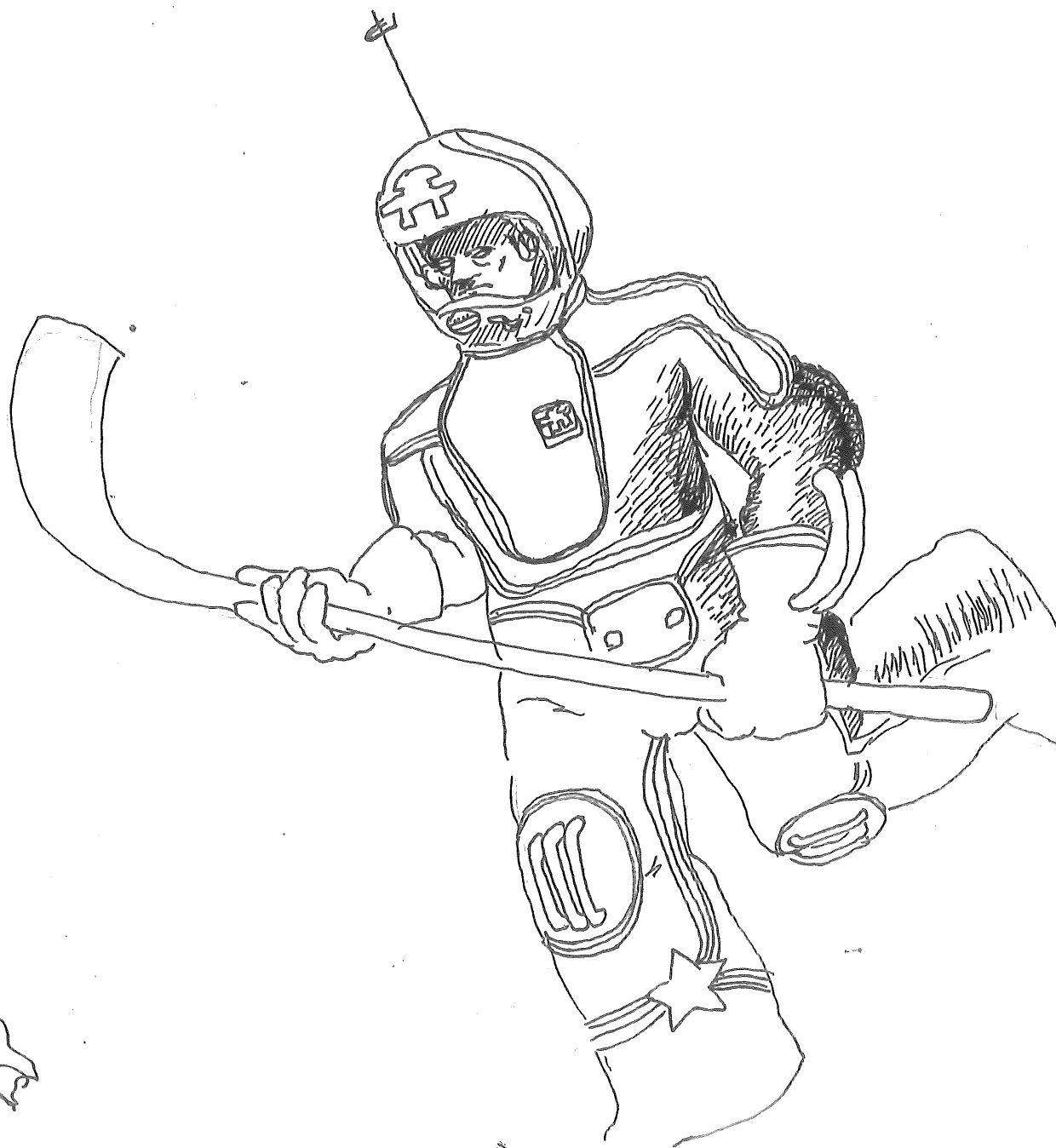
Alberoni defendia os humildes, não perdoava as injustiças, e praticava o autêntico jornalismo, aquele que serve, educa e informa o leitor.

Nesta homenagem que se presta ao Alberoni Lemos Filho, quero associar-me aos familiares, amigos e admiradores na saudade dos seus seis anos de afastamento do nosso convívio.

Paulo Eudes Carneiro - Deputado Estadual/PSDB



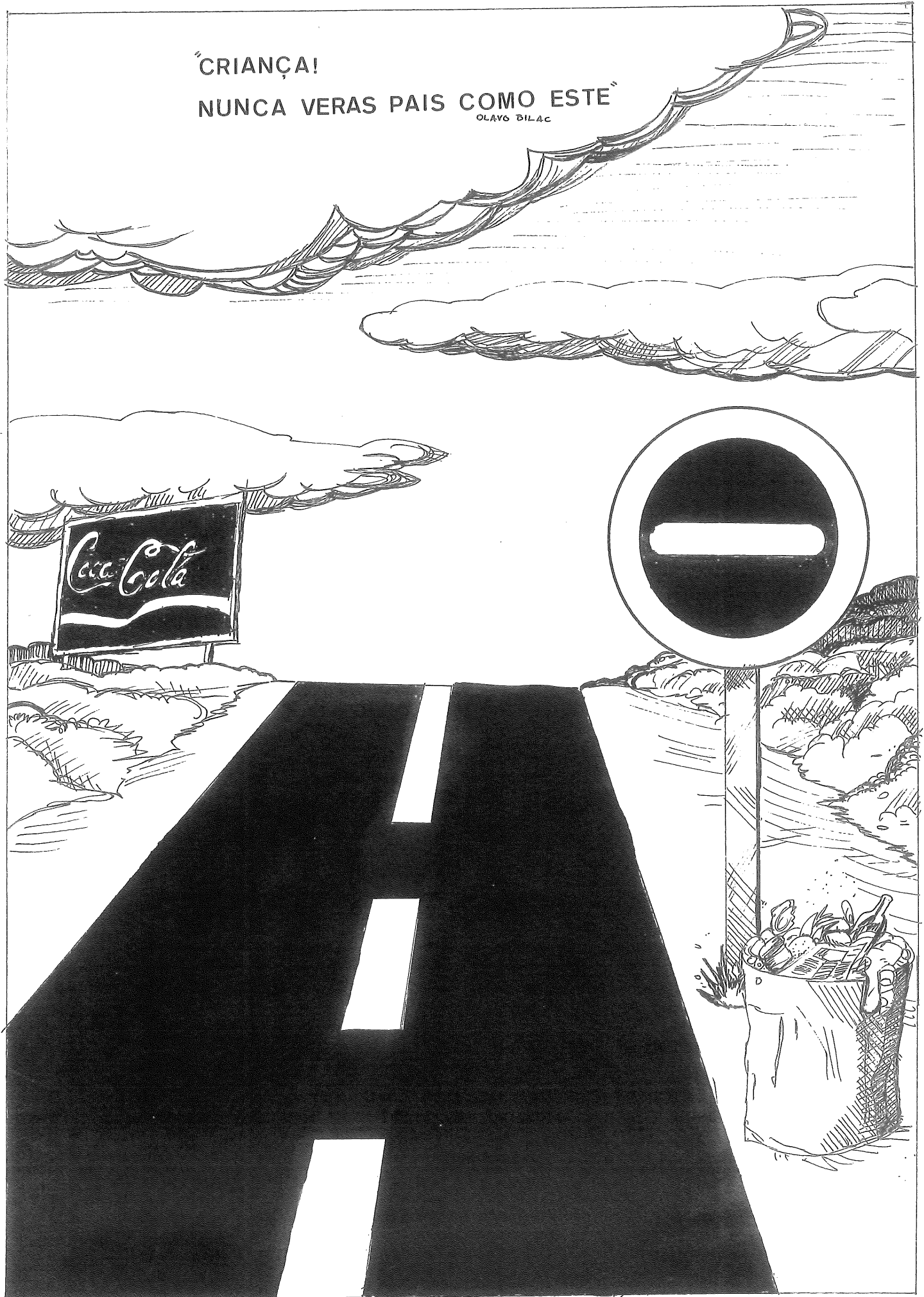
Auguste
Blanquiere
83

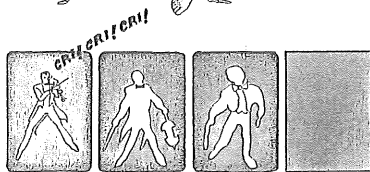




"CRIANÇA!
NUNCA VERAS PAIS COMO ESTE"

OLAVO BILAC

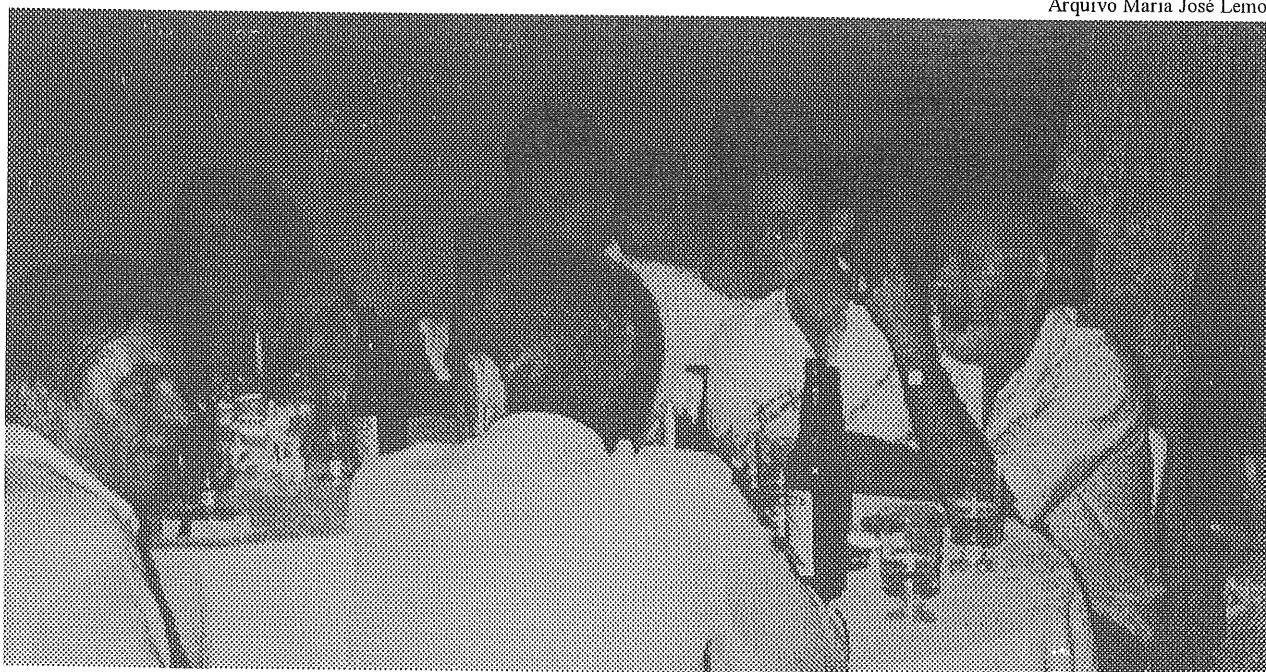




PERFIL INACABADO DE UM JORNALISTA IMPOSSÍVEL

ALBERONI NETO

Arquivo Maria José Lemos



Alberoni Lemos Filho (de óculos) entre Didimo de Castro (esquerda) e Geraldo Borges (direita) e de frente para Pires de Sabóia.

Alberoni Borges de Lemos Filho, filho de Alberoni Borges de Lemos e Irene Andrade Lemos, nasceu no dia 10 de outubro de 1945, na casa de seus pais situada na rua Arlindo Nogueira 244-Sul, em Teresina-Pi.

Alberoni Filho teve uma educação rígida. Foi interno no Colégio Pedro II, passou pelo Diocesano e terminou seus estudos no Liceu Piauiense.

Neto de Antônio Lemos (Semana) e filho de Alberoni Lemos, grandes jornalistas piauienses, aos 17 anos Alberoni Filho inicia-se na profissão trabalhando no jornal *Folha da Manhã*.

Mudou-se para Brasília onde trabalhou com grandes jornalistas, como Ivaldo Medeiros (da *Agência Universal*), Sebastião Fernandes (reporter do *JB* e da *Agência Universal de Notícias*), Frenando César Mesquita, dentre outros. Depois foi para Aragaças em Goiás ser professor de português.

Em 1969 retorna à Teresina e trabalha ajudando seu pai, então correspondente do jornal *O Estado de São Paulo* e do *JB*. Neste ano recebe convite para trabalhar na *Rádio Pioneira* e no jornal *O Dia*. É chamado para fundar o jornal *O Estado* ao lado de Venelouis Pereira Xavier, Helder Feitosa e Miguel Cavalcante. O jornal circula pela primeira vez no dia 15 de março de 1970.

Alberoni filho foi redator na *Rádio Poneira*, *Rádio Clube* e *Rádio Difusora*. Correspondente da *Veja*. Ajudou a fundar os jornais *Diário do Piauí*, *Correio do Piauí*, *Jornal da Manhã* e *O Estado*.

Em 1971 casou-se com Maria José Lemos, com quem teve 4 filhos: Ana Valéria, Alberoni Neto, Virgínia e Irene.

Em 1972 seu pai lhe passa a correspondência do *Estadão*, onde trabalhou até sua morte, no dia 25 de julho de 1990, vítima de câncer.

cretário e o Miguel Cavalcante, diretor-comercial.

Cineas: *Mas em que ano foi isso?*

O jornal circulou a primeira vez no dia da inauguração da Barragem de Boa Esperança: 15 de março de 70. Aí o Venelouis e o Helder voltaram para Fortaleza, deixando o jornal comigo e com o Miguel Cavalcante. Não tínhamos a menor infra-estrutura. A redação não tinha sequer um telefone. O jornal funcionava num galpão velho, ali nas proximidades do Mercado Central, bem pertinho da Casa Jiri. Foi aí que o Helder vendeu um terreno, uma casa, sei lá-o-quê, no Ceará, veio para Teresina e comprou o jornal. Começamos a fazer *O Estado* numa pobreza terrível. Mas o Helder teve muita sorte: o Alberto Silva assumiu o governo do Piauí e derramou dinheiro, muito dinheiro, na imprensa Piauiense. Convém lembrar que, antes do Alberto Silva, a imprensa piauiense não tinha subvenção do governo, não! Vocês sabem muito bem em troca de que o Alberto Silva derramou dinheiro na imprensa piauiense, não?

Cineas: *Não foi, também, o sr. Alberto Silva, via Armando Madeira Basto, o introdutor do release na imprensa piauiense?*

Foi sim. Mas, como eu ia dizendo, o Helder ganhou muito dinheiro e o jornal cresceu, cresceu muito. O Helder adquiriu aquela casa da Álvaro Mendes, comprou equipamento off-set, e eu lá. Eu entrava e saía do jornal na hora que eu queria. Eu nem sei quantas vezes trabalhei no jornal *O Estado*. Quando o

Helder chegou aqui, eu percebi que ele ia longe. Ele era jornalista e era também um empresário empreendedor.

Cineas: *Mas o Helder era jornalista mesmo? Eu nunca vi o Helder escrevendo um texto.*

Era jornalista sim. Em Fortaleza, o Helder era um repórter brilhante. Eu percebi isso e adverti o coronel Miranda de que

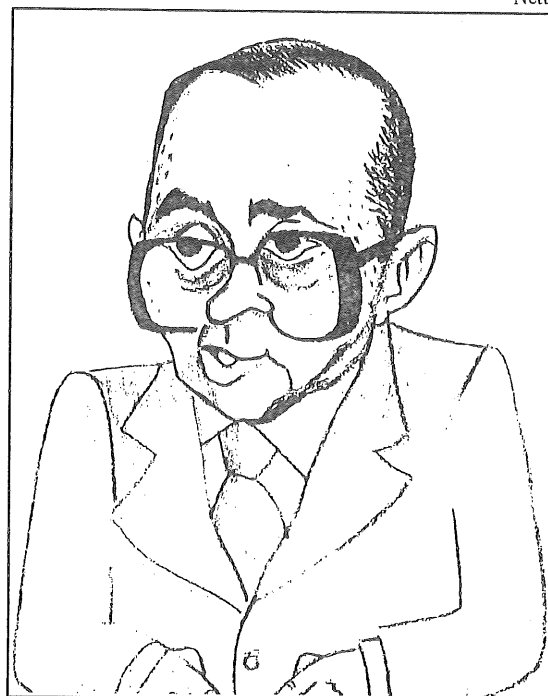
coronel Miranda reagiu, ampliou e modernizou sua empresa.

Paulo Machado: *Quando você fala Helder X Coronel Miranda, não seria melhor dizer grupos políticos e empresariais opostos, tendo os jornais como instrumentos de divulgação de suas idéias?*

Não. Não era nada disso.

Cineas: *Eu não sei se vou*

Netto



Alberto Silva

ele iria ter um concorrente de verdade. Foi aí que o coronel passou a encarar o jornal como empresa, porque, até então, ele só se preocupava em ganhar dinheiro, em cavar prestígio com o jornal dele. Nesse aspecto, o Helder foi o responsável pela implantação do espírito empresarial na imprensa piauiense.

Paulo Machado: *Mas esse espírito empresarial não afastou da imprensa piauiense o caráter político-partidário, não é mesmo?*

Absolutamente. Quando o Helder começou a crescer, o

dizer uma grande besteira, mas eu tenho a impressão de que o sr. Alberto Silva, com muito dinheiro e Armando Madeira Basto à frente da AGE, conseguiu exatamente destruir o caráter político-partidário dos jornais teresinenses, transformando-os, todos eles, em modernas empresas de comunicação a serviço do governo.

Grande verdade! Absoluta verdade! Foi exatamente o Alberto Silva que introduziu o que de pior existe na imprensa: a autocensura. Isso é o que há de mais

ALBERONI E O ESTADÃO

POMPÍLIO SANTOS

Carivaldo Marques



Alberoni Lemos Filho: melhor texto da imprensa provinciana.

Após tantos anos na frente ocidental do jornalismo, buscando sempre as novidades do front do nosso amorável romancista Remarque, Alberoni toma posição agora na frente oriental, em mais uma batalha hospitalar pela saúde física, pois a mental sempre lhe sobrou neste mundo de muitos desencontros. Uma batalha que só termina, na verdade, com o amargo fim do qual todos nos aproximamos, na passagem dos minutos, das horas e dos dias.

Todos são unânimes: Alberoni é dono do melhor texto da imprensa provinciana. Membro de uma família de jornalistas, Alberoni parece acionar um texto que vem de avô para filho se

aperfeiçoando, cada vez mais enxuto e direto, sem qualquer tipo de gordura, à maneira de Graciliano Ramos, que aliás era também magro como Alberoni. O estilo não é o homem?

Desde os anos 60 Alberoni faz parte do meu show e seu pai Alberoni Lemos, jornalista da mesma têmpera, foi por muito tempo a ponte que facilitava o trânsito de nossa amizade profissional. Ambos tiveram muita sorte porque deram seu “sangue, suor e lágrimas”, a um jornal que sempre respeitou o profissional – “O Estado de São Paulo” dos Mesquitas, bons capitalistas num país do mais desbragado “capitalismo selvagem”, inclusive na área do jornalismo.

O Estadão nunca faturou um centímetro de matéria paga do Governo do Piauí e sempre remunerou de maneira digna o trabalho profissional de Alberoni. O Estadão sempre foi a exceção da regra: os demais órgãos da imprensa sulina, inclusive o respeitável JB, costuma produzir gordos “suplementos econômicos” para arrancar milhões de um Nordeste frágil e explorado por políticos pouco éticos. Talvez por isso mesmo o Alberoni sempre se mostrou honrado e gratificado como profissional de uma empresa jornalística que respeita o ser humano.

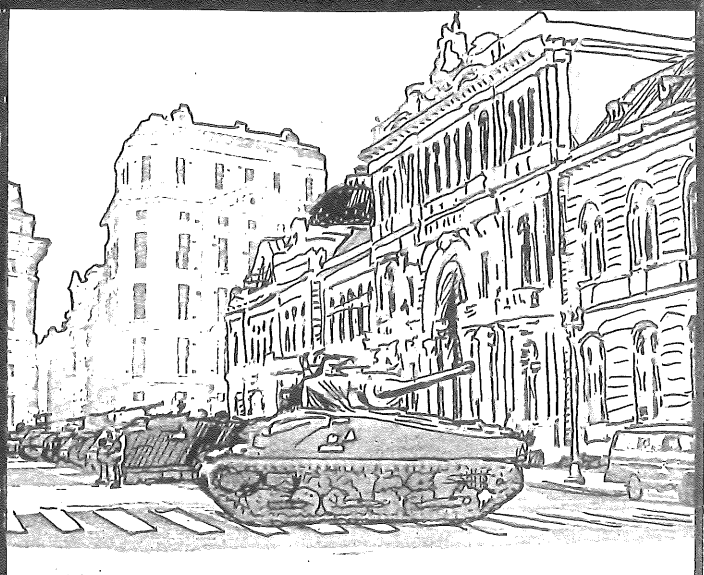
Dirão que O Estadão não precisa do Nordeste, pois é um jornal de plutocratas que representa uma sociedade de plutocratas. Certo. Já dizia Santo Agostinho que “o homem tem que ter condições financeiras até para ser honesto”. Mas há homens e empresas muito ricos que não respeitam os limites porque, não acreditando em Deus, acham que tudo é ético no mundo dos negócios.

Peço a Deus, assim, que preserve o Alberoni por mais uns anos. A dignidade dele é a dignidade do “Estado de São Paulo”. E vice-versa. Os dois se completam, apesar de viverem em patamares bem diferentes.

43

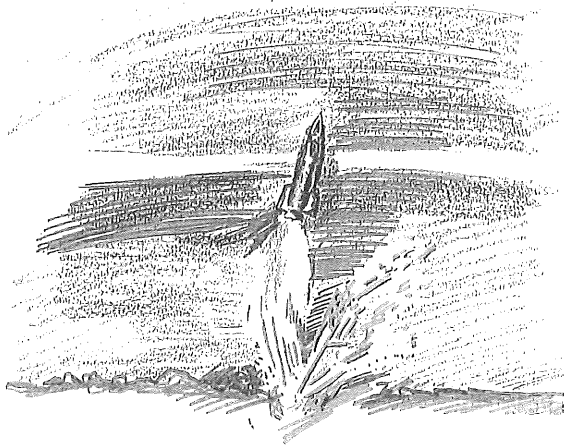
Tierra Portenha

Arnaldo









JORNALISTA MOURA REIS APRESENTA LIVRO EM OEIRAS

O jornalista Antônio Epifânio Moura Reis, oeirense, radicado em São Paulo, onde exerce o cargo de diretor-superintendente do jornal Diário do Comércio e faz crítica de cinema para a revista Exame VIP, a convite do prefeito de Oeiras, Tapety Neto, do presidente do Instituto Histórico, Ferrer Freitas, e do presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Piauí, Kenard Krueel, apresenta, na próxima Sexta-feira, dia 15, no BNB Clube da nossa velha Capital, o livro História da Imprensa no Piauí, terceira edição, de autoria do professor Celso Pinheiro Filho, para marcar os 165 anos de publicação do primeiro jornal do Piauí, que foi O Piauiense, editado, ali, no dia 15 de agosto de 1832.

O livro do professor Celso Pinheiro Filho é o primeiro trabalho sistematizado sobre a história da Imprensa no Piauí, figurando como única fonte de pesquisa em torno do assunto, por isso tem merecido sucessivas edições, a cargo do jornalista Kenard Krueel. O livro abrange informações de 1832 a 1972, data da primeira edição. O Sindicato dos Jornalistas, para atualizar o livro, está oferecendo um prêmio no valor de 5 mil reais para quem se interessar na pesquisa. Os trabalhos podem ser apresentados até o último dia de dezembro do corrente ano. O trabalho vencedor será editado em forma de livro e lançado no dia 1 de junho, quando o Sindicato dos Jornalistas comemora o Dia da Imprensa, porque foi nesta data, em 1808, que circulou o primeiro jornal do Brasil, o Correio Braziliense.

MOURA REIS – O apresentador do livro, História da Imprensa no Piauí, é filho de Hipólito Constâncio da Silva Reis e de Maria de Jesus Moura Reis. Nasceu a 7 de abril de 1939 em Oeiras, onde estudou no Grupo Escolar Costa Alvarenga, transferindo-se para Teresina, onde iniciou o científico no extinto Demostenes Avelino, concluindo-o no Liceu Cearense. Em Belo Horizonte, fez jornalismo na Faculdade de Comunicação da UFMG.

Como jornalista, Moura Reis trabalhou, em Belo Horizonte (1959-1964), no Diário da Tarde, Correio de Minas, Diário de Minas, Rádio Itatiaia – início como repórter, depois como diagramador e crítico de cinema e redator na rádio. No Rio de Janeiro (1964-1972), trabalhou no Correio da Manhã, Última Hora, Manchete (revista), O Estado de São Paulo (Sucursal), O Globo, como repórter político, credenciado na Presidência da República. Em seguida, 1967, no Itamaraty, fazendo coberturas internacionais e no exercício de chefia de reportagem e de editoria política. Em São Paulo (a partir de 1972), trabalhou no jornal O Globo (chefe de redação), O Estado de São Paulo (repórter político, chefe de reportagem, editor), revista Senhor (repórter), Jornal da Tarde (crítico de Cinema). Atualmente, é o diretor-superintendente do jornal Diário do Comércio e crítico de cinema da Exame VIP.

Maiores informações:

Kenard Krueel – 982 9272

Ferrer Freitas – 232 3176 – 233 2805

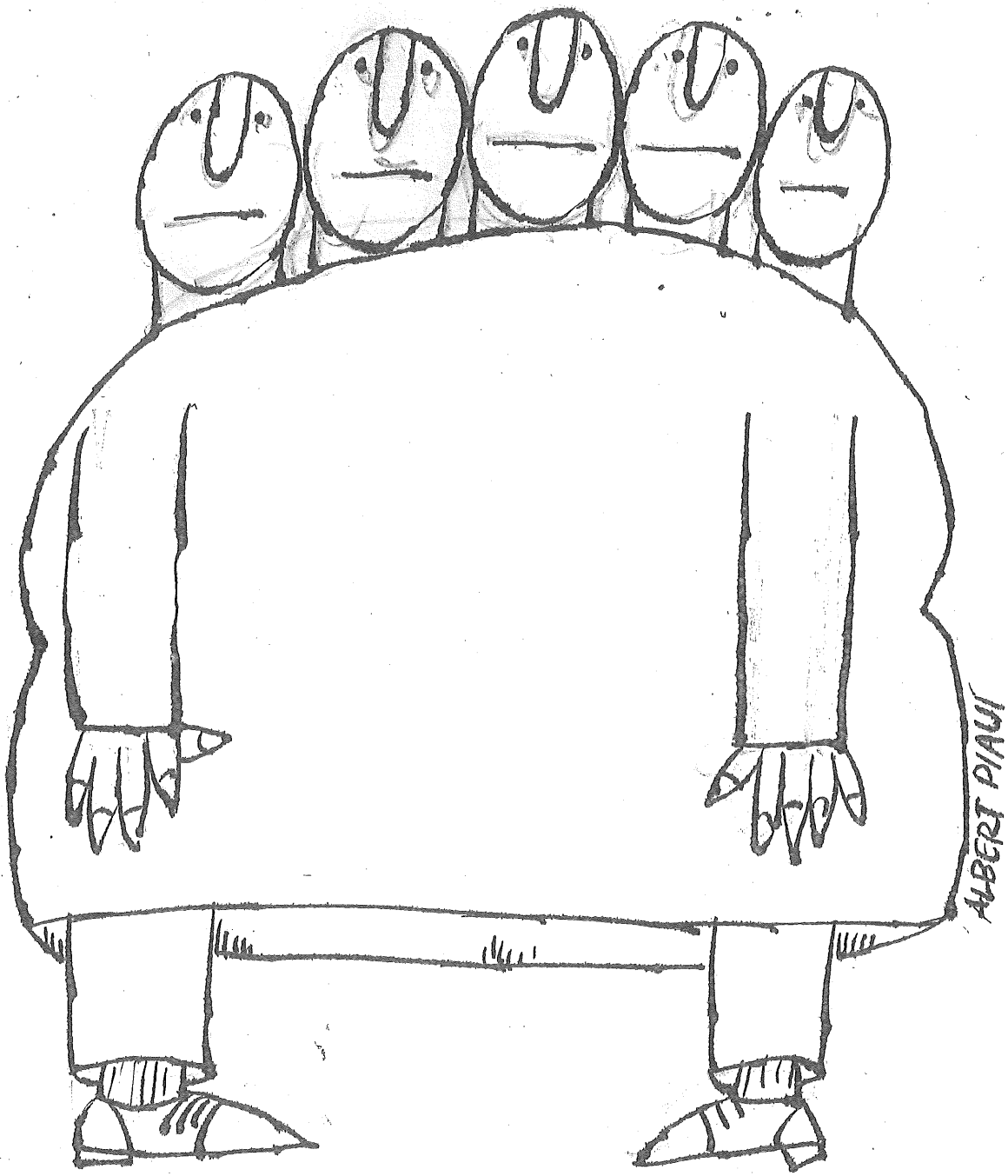
JAYME
LEAD

26-08-87





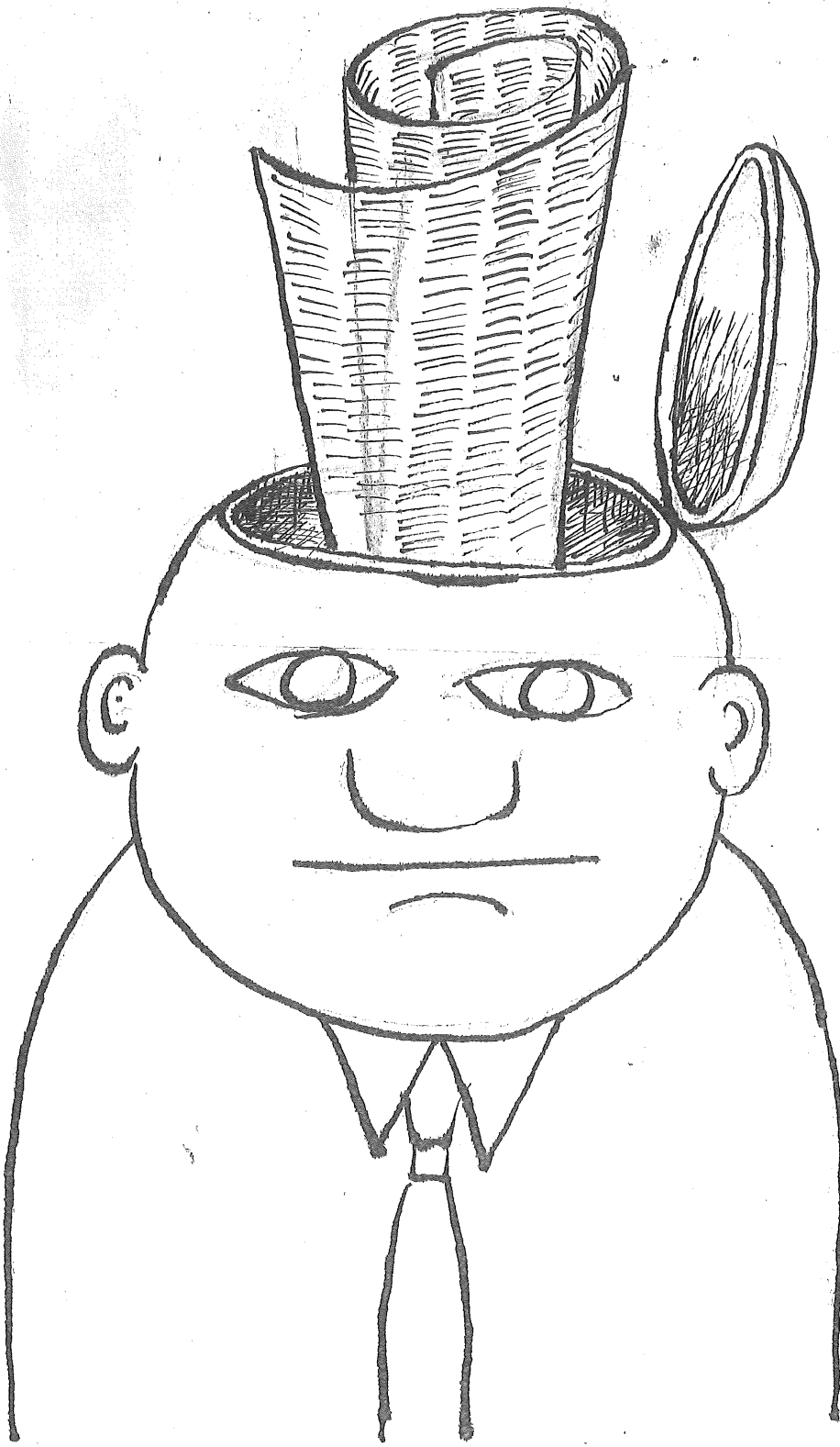
A drawing of a man and a woman embracing on a beach.



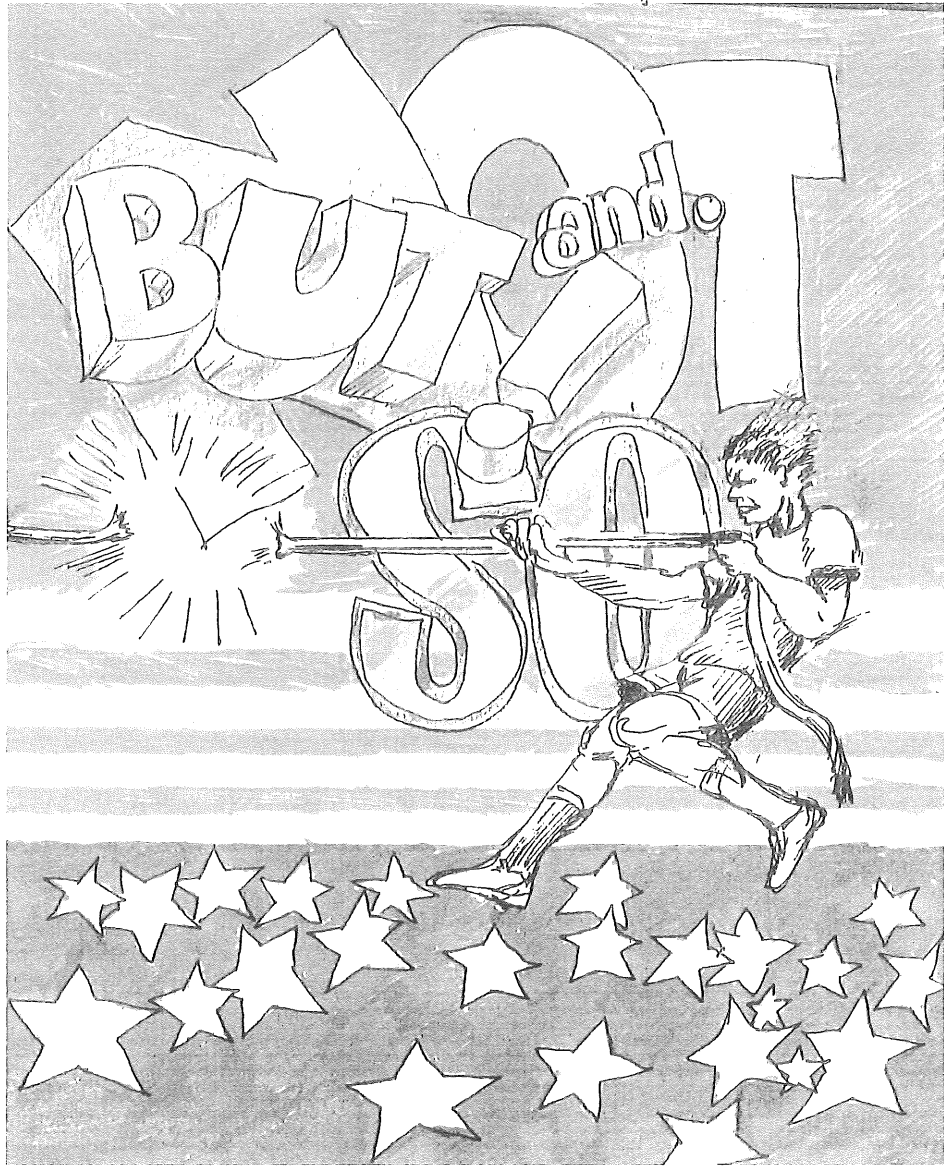


- "QUEM NÃO ESTÁ
COMIGO, ESTÁ
CONTRA MIM!!!"

Paulo
MOURZ.
89.



ALBERT PIACI





Gravestone
1910-1915
All K...

ENVIÑO ESTANDEA SOL...

Amalds Albuquerque

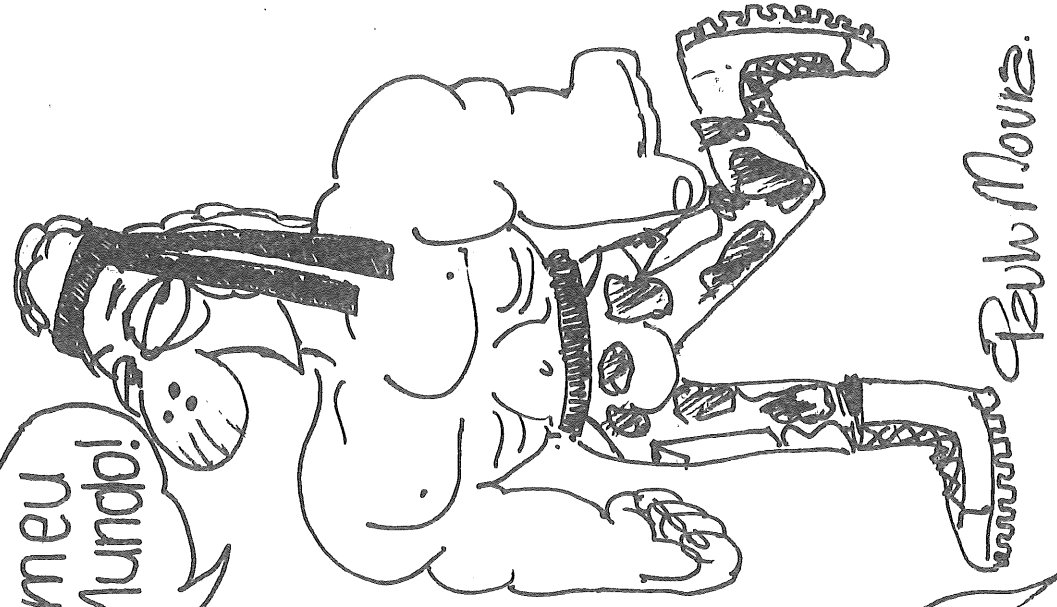
FREUD,
EXPLIQUE-SE!



Penho
Moura 85.

Vem, meu Rambo!
meu Cobra!

Vá vou, meu
Terceiro Mundo!



Paul Nove.

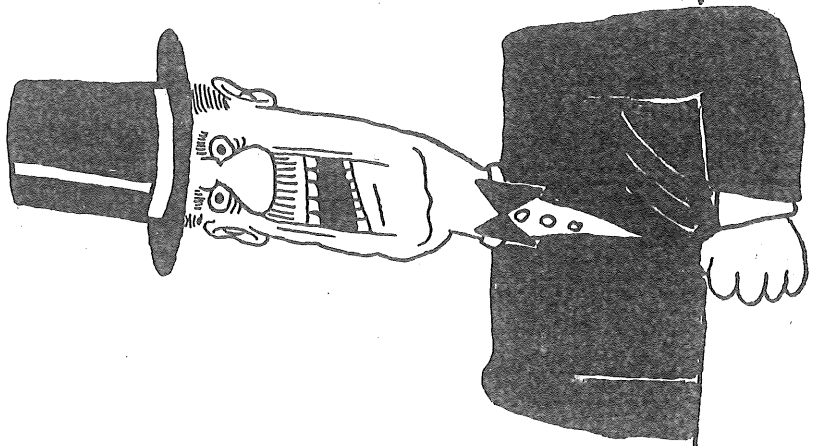
Manhãeee!!!



Paula Paula

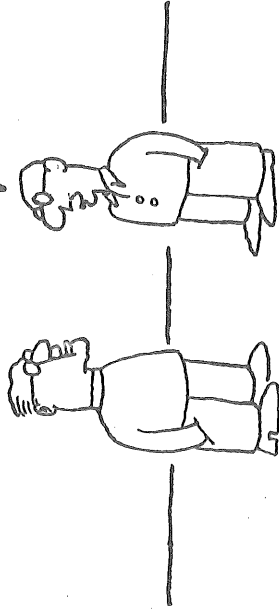
Brocha!

ELEIÇÕES DIRETAS?
SÓ SE PASSAREM
POR CIMA DO MEU
CADÁVER!



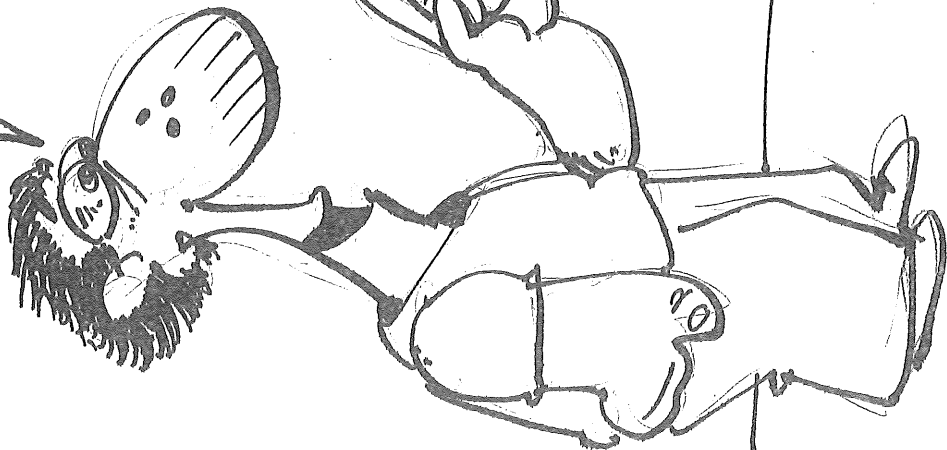
ELE NÃO ESTÁ A FIM
DE OUVIR FALAR
EM URNA

E SE TENTÁSSEMOS
UMA URNA MORTUÁRIA?



Qual a sua
opinião sobre
os atuais
candidatos?

Sinto muito,
meu jovem,
mas eu não
meto em
político!



Paulo
Nogueira
86.

O AVANÇO TECNOLÓGICO

